

Camdessus sugere

ESTADO DE SÃO PAULO

ÓCIOS □

choque econômico

Para diretor do FMI,
escolha entre gradualismo
e choque é opção entre
passado e futuro

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — Se o presidente eleito Fernando Collor de Mello perguntar ao diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Michel Camdessus, sobre o grau e a velocidade que deverá imprimir à política de estabilização econômica que adotará, ouvirá uma opinião contrária à tese do tratamento gradual. “Quando você tem uma enorme dívida externa, nenhum crédito externo, hiperinflação e imensos déficits de empresas públicas, é aconselhável adotar logo as medidas de uma estratégia mais forte para erradicar esses déficits”, afirmou Camdessus em entrevista ao **Estado** — uma das raras que já concedeu e a primeira que um diretor-gerente do FMI dá a um jornal brasileiro nos 45 anos de história da instituição. “Frequentemente”, afirmou Camdessus, “a escolha entre gradualismo e choque é uma opção entre o passado e o futuro”.

Collor deve receber Camdessus na sexta-feira da semana que vem quando estará em Washington para um encontro com o presidente George Bush. A opinião do diretor-gerente do Fundo é relevante porque o apoio da instituição será essencial para tornar possível a captação de recursos externos oficiais necessários ao financiamento de qualquer plano de ajuste econômico no Brasil.

Administrador público que fez carreira na burocracia francesa, tendo chegado ao topo no



Reuter

Michel Camdessus: ajuste deve recair sobre os ricos

primeiro mandato do presidente socialista François Mitterrand, que o promoveu a diretor do Tesouro e, depois, a presidente do Banco Central, Camdessus é um dirigente atípico do FMI. Franco mas afável, não foge de situações arriscadas e, nos últimos três anos, promoveu uma pequena revolução interna no Fundo e na imagem externa da instituição.

Camdessus disse na entrevista ao **Estado**, que “não existe política de ajustamento econômico sem sofrimento”. Mas acrescentou que “não há nenhuma razão particular para que o preço do ajustamento recaia mais sobre os pobres”. Para o diretor-gerente do FMI, “quando isso acontece é porque o governo permite”. E sugeriu a solução: “O governo deve pedir mais dos privilegiados na sociedade”.

Ele explicou que proteger as camadas mais vulneráveis dos efeitos mais graves do ajustamento “é chave para o sucesso”

de qualquer política de austeridade.

Camdessus comentou declarações do deputado Luiz Inácio Lula da Silva, que durante a campanha presidencial acusou Collor de pretender colocar o Brasil “nas mãos do FMI”. “Se um político quisesse colocar seu país nas minhas mãos, eu recusaria”, disse. E avisou que não aceitará mais que o Fundo seja usado como bode expiatório. Se os governos quiserem “adotar um programa desenvolvido conosco sem assumir a responsabilidade correspondente, eu também não assumirei a responsabilidade de recomendar tal programa à aprovação da diretoria do FMI”.

Falando em tese, o dirigente do FMI desaconselhou o gradualismo em economias que enfrentam as taxas de inflação como a brasileira.

□ Ver a entrevista de Michel Camdessus na página 4